Esse trabalho é fruto de pesquisa do Tat'etu Nkasulembe

(04/2016)

Alexandre: Xikarangome da Casa De Cultura Lode Apara

"A ORIGEM DO RITUAL OMOLOKO"

- DA ÁFRICA PARA O RIO DE JANEIRO –Materia da Sra. Cassia do Grupo, AMMCB,- Iya, Babá, Egbome

A cultura de um país é avaliada pelos reflexos conjunturais das atividades científicas, artísticas e religiosas de seu povo. Evidentemente essa cultura foi adquirida aos poucos, advindas de outras culturas através dos séculos.

Segundo Tancredo da Silva Pinto, Tata Ti Inkice, em seu livro Culto Omoloko - Os Filhos de Terreiro, a palavra OMOLOKO é de origem yoruba e significa: Omo - filho e Oko - fazenda, zona rural onde esse culto, por causa da repressão policial que havia naquela época, era realizado na mata ou em lugar de difícil acesso dentro das fazendas dos donos de escravos. Talvez por causa disso, hoje temos as denominações de "terreiro e roça" para os lugares onde os cultos afro-brasileiros são realizados.

No culto Omoloko os orixás possuem nomes yoruba (nagô). Seus oriki (tudo aquilo que se relaciona ao orixá), e oruko (nome) são trazidos através do jogo de búzios, também chamado Jogo de Ifá. Seus "assentamentos" são semelhantes aos feitos no Candomblé Nagô, e os Exus são feitos de argila, a semelhança de uma pessoa, ou então, simbolicamente, em ferro.

Podemos relacionar o significado da palavra OMOLOKO também com o Orixá Oko, deusa da agricultura, que era adorada nas noites de lua nova pelas mulheres agricultoras de inhame. Antigamente, o orixá Oko era muito cultuado no Rio de Janeiro e era assentado junto com Oxossi, o que dá maior consistência a origem do culto Omoloko, fortemente influenciado pelo orixá Oxossí, cujo culto permaneceu com sua cultura melhor conservada no contexto religioso dos negros afro-brasileiros. O culto a Oxóssi é de extrema importância na nação Omoloko, por isso é extremamente forte o culto dedicado aos "Caboclos". Uma cantiga exprime esse fato com muita propriedade:

" O dono da mata é Oxóssi,

Protetor dos Caboclos de Umbanda,

Aruê, aruê, Seu Pena Verde é quem vence demanda,

Seu Pena é um Caboclo valente,

Arrebenta a corrente,

Meu Pai Oxalá, Seu Pena Verde é cacique de tribo,

Derrota o inimigo do lado de lá...:

(autor anônimo)

O Tata Ti Inkice, Tancredo da Silva Pinto, considerado o organizador do culto Omoloko no Brasil conta que na África os sacerdotes deste culto realizavam suas liturgias em noites de lua cheia sob a copa de uma frondosa árvore carregada de frutos parecidos com maçã.

Segundo Tancredo, o culto Omoloko chegou ao Brasil proveniente do sul de Angola, onde era praticado por uma pequena tribo pertencente ao grupo Lunda-Quiôco, que habitava ficava às margens do rio Zambeze, que lhes fornecia alimentação no período das cheias. Os Lunda-Quioco chamam o rio Zambeze de Zambi.

Outra associação que podemos fazer entre os nomes Loko e Omoloko é a sua relação ao vodun cultuado pelo povo Fon (Gêge), que tem como correspondente yoruba o orixá Iroko, e que por sua vez, corresponde ao inkice Tempo na nação Angola. Na época em que os cultos religiosos de origem africana eram proibidos, esse orixá foi sincretizado a Santo Onofre, para disfarçar o seu culto africano.

Tancredo da Silva Pinto, Tata Ti Inkice, é considerado o organizador do culto Omoloko no Brasil e o responsável direto pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações Umbandistas para defender o seu direito de ter e cultuar uma religião afro-brasileira.

Tancredo nasceu no dia 10 de agosto de 1904, no Município de Cantagalo-RJ. Ainda na adolescência foi morar na cidade do Rio de Janeiro, na época Distrito Federal. Seus pais eram Belmiro da Silva Pinto e Edwiges de Miranda Pinto, e seus avós maternos eram Manoel Luiz de Miranda e Henriqueta Miranda. Seu avô fundou os primeiros blocos carnavalescos da localidade: "Avança e Treme Terra" e "Cordão Místico", que eram uma mistura de caboclo com ritual africano, no qual uma tia sua chamada Olga saía fantasiada como Rainha Ginga; rainha do antigo reino de Matamba.

Em 1950, ele fundou a Federação Umbandista de Cultos Afro-Brasileiros para resistir as grandes perseguições que a Umbanda sofria em diversos Estados brasileiros. Fundou Federações nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco, entre outras, objetivando organizar e dar maior respeitabilidade e personalidade aos cultos afro-brasileiros.

Com o intuito de divulgar os cultos afros, criou as festas religiosas de Yemanjá, no Rio de Janeiro; a festa à Yaloxá, em Pampulha; Cruzandê em Minas Gerais; a festa do Preto Velho, em Inhoaíba, homenageando a grande Yiálorixá Mãe Senhora, na cidade do Rio de Janeiro; festa de Xangô em Pernambuco; o evento "Você sabe o que é Umbanda?",realizado no Estádio do Maracanã, na Administração do Dr. Carlos Lacerda, e, finalmente a Festa da Fusão do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara, realizada no centro da Ponte Rio-Niterói.

Recebeu em Sessão Solene na Câmara Estadual do antigo Estado da Guanabara e também da Câmara Municipal de Itaguaí, o Título de Cidadão Carioca, pelos serviços prestados em favor do povo umbandista. Tancredo escreveu mais de trinta obras literárias divulgando a Umbanda, entre eles podemos citar, "Yaô, Camba de Umbanda, Catecismo de Umbanda, Negro e Branco na Cultura Religiosa Afro-Brasileira, As Mirongas de Umbanda, Cabala Umbandista, Doutrina e Ritual de Umbanda no Brasil, Revista Mironga, entre outras.

No dia 02 de setembro de 1979 foi sepultado às 15:00hs, na quadra 70, carneiro 3810 do Cemitério de São Francisco Xavier, à Rua Pereira de Araújo, nº. 44, no Rio de Janeiro. As despedidas ao seu corpo foram realizadas no Ilê de Umbanda Babá Oxalufan, situado a Avenida dos Italianos nº.1120 em Coelho Neto, onde seu corpo foi velado. No livro de registro de filhos de santo estão registrados mais de 3.566 filhos de santos que foram iniciados pelo Tatá Ti Inkice.

O Sirum (Axexê), cerimônia de encomenda do corpo de pessoa falecida foi realizado por José Catarino da Costa, conhecido como Zé Crioulo, filho de Xapanam e confirmado como Ogam no Terreiro de Tio Paulino da Mata e Tia Olga da Mata.

O motivo que levou Tancredo criar federações umbandistas para defender os direitos dos cultos afro-brasileiros desenrolou-se na casa de santo de sua tia Olga da Mata, situado à Avenida Nilo Peçanha, 2.153, em Duque de Caxias, onde funcionava o Terreiro São Manuel da Luz. Neste Terreiro Xangô manifestou-se e disse: "Você deve fundar uma sociedade para proteger os umbandistas, a exemplo da que você fundou para os sambistas, pois eu irei auxiliá-lo nessa tarefa". Após esse fato, Tancredo fundou a Confederação Umbandista do Brasil, usando parte do pagamento recebido pelo direito autoral do samba "General da Banda", gravado por Bleckaute, e ajudou a fundar em outros estados outras federações umbandistas para defender os direitos dos cultos afro-brasileiros.

Segundo Tancredo da Silva Pinto, a primeira sociedade umbandista criada para defender os direitos dos umbandistas no Rio de Janeiro e no Brasil foi a " União ", fundada em 1941. Segundo ele, naquela época, devido às perseguições policiais, os cultos eram acompanhados por bandolim, cavaquinho e órgão, porque não era permitido tocar tambor (atabaques). No Rio de Janeiro, os cultos afro-brasileiros foram professados dessa maneira até 1950. Coisa semelhante acontecia nos terreiros de Umbanda em Florianópolis, onde as giras eram acompanhadas por palmas e eram realizadas quase sempre em horários alternados entre a tarde e a noite para driblar a intolerância e o preconceito sócio-religioso por parte de alguns vizinhos que chamavam a polícia para que prendessem a mãe de santo e fechassem o Terreiro; ato esse que era geralmente acompanhado de violência. A polícia, quando recebia queixa de pessoas que se sentiam incomodadas com os rituais afro-

brasileiros invadia os terreiros. Quanto a vizinhos intolerantes, estes jogavam pedras nos telhados para quebrá-los, causando prejuízos de proporções consideráveis e até acidentes graves, como por exemplo ferimentos às pessoas presentes ao ritual. Posso citar o caso ocorrido na Tenda Espírita de Umbanda São Sebastião, no Morro do Cemitério, no

18/04/16, 20:53 - Alexandre: Bairro de Coqueiros, na qual uma filha de santo de D. Mima da Cabocla Jurema perdeu um dos seios em decorrência de um caco de telha quebrada por pedras jogadas no telhado.

Em Belo Horizonte, foi institucionalizado o dia 10 de agosto como sendo o dia consagrado a Nação Omoloko, conforme registro em Ata elaborada em reunião realizada à Rua Conde Déu nº.422, Bairro Vera Cruz, Belo Horizonte, na sede da Fraternidade para Estudos e Práticas Mediúnicas, presidida pelo Dr. Wamy Guimarães, Okala de Xangô e filho de santo do Tata Tancredo.

Abandeira que representa a Nação Omoloko acha-se em exposição na Tenda Espírita Três Reis de Umbanda, à rua Basílio de Brito, 43, Cachambi, Méier, Rio de Janeiro. Essa bandeira, trazida da África pelo Dr. Antônio Pereira Camelo, foi enviada por um Tatá Zambura da Guiné para que fosse entregue a Tancredo da Silva Pinto. A bandeira é confeccionada em tecido na cor verde garrafa, com o desenho de uma pena branca no centro e uma linha longitudinal branca partindo do canto esquerdo superior para o canto direito inferior da bandeira, e mede aproximadamente 50x50cm de cumprimento e largura.

Pesquisas mais recentes dão conta de que a origem do nome Omoloko, também está ligado ao povo Loko, que era governado pelo rei Farma, no Sertão de Serra Leoa. Ele foi o rei mais poderoso entre todos os Manes. Sua cidade chamava-se "Lokoja" e localizava-se a margem do Rio Mitombo, afluente do rio Bênue, que por sua vez é afluente do grande rio Níger. Lokoja ficava próxima do reino Yoruba. O povo Loko também era conhecido pelos nomes de Lagos, Lândogo e Sosso. O nome "Loko" foi primeiramente registrado em 1606, em livros de cartografia da África. Também há registro desse povo com o nome de Loguro. Os Lokos viveram até 1917 a oriente dos Temnis de Scarcies. De acordo com pesquisas realizadas, a tribo Loko estava divida em tribos menores ao longo dos Rios Mitombo, Bênue e Níger, e no litoral de Serra Leoa.

Em 1664 o filho do rei Farma foi batizado com o nome de D. Felipe. Evidentemente torna-se claro que o principio da sincretização afro-católica já acontecia na África, isso antes da vinda dos africanos ao Brasil.

Acredita-se que a tribo Loko fazia parte de um grupo maior chamado Mane, cujo povo veio escravizado para o Brasil e formou o que hoje conhecemos como Nação Omoloko.

Os povos Mane tinham por costume usar flechas envenenadas, arcos curtos e espadas curtas e largas, azagaias, dardos e facas que traziam amarrados embaixo do braço. Para combater o veneno de suas flechas, em caso de acidente, usavam uma bolsinha com um antídoto. Quando em guerra, avisavam os seus inimigos, através de palhas, o dia em que iriam atacá-los - "tantas palhas, tantos dias para o ataque". Traziam no

braço e nas pernas manilhos de ouro e prata. Também eram amigos dos brancos que invadiram a África Negra. Adoravam assentamentos de ídolos de madeira em figura de homens e animais que representavam seus deuses. Quando não venciam as guerras açoitavam os ídolos e quando as batalhas eram vencidas eles ofereciam aos deuses comidas e bebidas. Chamavam as mulheres de "cabondos" e tinham como marca a ausência dos dois dentes da frente.

- DO RIO DE JANEIRO PARA FLORIANÓPOLIS -

Em Florianópolis, talvez o único terreiro de Omoloko existente na cidade seja a Tenda Espírita de Umbanda Juraciára, onde ritual de feitura é proveniente de uma pequena tribo chamada Arigolê e que conforme pesquisas bibliográfica pertencia ao grande grupo dos Lunda-Quiôco, principais formadores da Nação Omoloko no Brasil. Contudo, o ritual de maneira geral sofreu, como todos os outros rituais africanos no Brasil, fortes influências dos Cultos Yoruba e Gêge - na culinária, na introdução de novos orixás ao cultos, no vocabulário, etc. Os africanos yoruba foram um dos últimos grupos étnicos a vir para o Brasil. Talvez por causa deste fato sua cultura religiosa predominou sobre as demais, influenciando às culturas minoritárias já existentes e escravizadas aqui no Brasil. Outro motivo também, segundo alguns historiadores é que esse grupo era socialmente muito bem estruturado em relação em relação a sua religião e a política.

Tenda Espírita de Umbanda Juraciára está localizada na Ilha de Santa Catarina, hoje também conhecida como "Ilha da Magia", - cidade de Florianópolis, à rua Embaixador Edmundo da Luz Pinto, nº.49, no bairro Agronômica foi fundado e é dirigido pela Iyálorixá Giloyá (Antonieta Maria dos Passos), filha espiritual de Obaluayê e Inhansã (Oyá). Essa Iyálorixá conta atualmente com 55 anos de militância espiritual nos cultos afro-brasileiros. A Iyálorixá Giloyá (D. Antonieta) é filha de santo de D. Mima (Juracema Rodriguês), conhecida no meu umbandista como dona Míma da Cabocla Jurema.

Na década de 70, já com o seu terreiro em funcionamento, Dona Antonieta, sentindo a necessidade de aprimorar-se dentro dos mistérios do culto aos orixás e a necessidade de reforçar suas forças espirituais, escreve uma carta a sua irmã, Dona Natália, que morava no Rio de Janeiro, e era filha de santo de Dona Zezé, que por sua vez era filha de santo de Tiãozinho de Irajá e que por sua vez era filho de santo de João Alves Torres Filho, o conhecidíssimo Babálorixá baiano "Joãozinho da Goméia". No Rio de Janeiro, as "Obrigações" realizadas por Dona Mima foram confirmadas como pertencentes a Nação de Omoloko. Então, lá mesmo no Rio de Janeiro, no terreiro de Dona Zezé do Boiadeiro ela fez o seu primeiro reforço. Como naquela época era costume manter extremo segredo dos rituais do culto, muita coisa com referência a Nação Omoloko só vieram a tona e foram colocadas em prática bem mais tarde, como por exemplo, as cantigas em dialeto africano; o uso de paramentos dos orixás; os assentamentos em ferro e os ritmos variados dos toques de atabaques... Naquela época, o terreiro de Dona Antonieta ainda não estava estruturado para funcionar nos

moldes mais avançados da nação Omoloko, que segue um modelo hierárquico semelhante aos Terreiros Nagôs. Algum tempo depois, Dona Antonieta fez um novo reforço, mas dessa vez em seu próprio terreiro, em Florianópolis, com Dona Nadir, uma filha de santo de Dona Zezé, que por motivo de doença não pode vir a Florianópolis para realizar um segundo reforço que se fazia necessário.

Dona Antonieta, (Iyá Giloyá) também é feita na Nação de Angola pelo Babálorixá Yiáromi (Zulmar Carpes) conhecido no meio afro-brasileiro da Grande Florianópolis por "Juca ". Esse conhecidíssimo Babálorixá é o responsável direto pela primeira roça de candomblé erigida na Ilha da Magia (Florianópolis) que obedece aos rígidos padrões exigidos nos Candomblés de Nação Ketu, proveniente de Salvador-BA. Embora Iyá Giloyá seja também feita na nação de Angola, em seu terreiro, Tenda Espírita de Umbanda Juraciára, os seus filhos de santo são feitos na nação Omoloko, cujo ritual litúrgico é o praticado nesse terreiro.

Tenda Espirita de Umbanda Juraciára tem sua origem na Tenda Espírita de Umbanda São Sebastião, que ficava no continente - bairro de Coqueiros - também em Florianópolis. Esse Terreiro de Umbanda foi um dos primeiros a ser estruturado em hierarquia sacerdotal.A Iyálorixá da Tenda Espírita São Sebastião, D. Míma (Juracema Rodriguês), era proveniente da cidade de Porto Alégre-RS. Dona Míma, como era conhecida no meio umbandista, fez todas as suas obrigações na cidade de Porto Alegre, cuja cultura afro-brasileira é de origem yoruba e daomeana: Yjexá, Oió e Gêge. Semelhante a Tenda

Espírita São Sebastião, naquela época onde a opressão social e policial era fortíssima, existiam outros Terreiros importantíssimos que eram verdadeiros focos de resistência cultural afro-brasileira e que pertenciam a grandes e famosíssimas Iyálorixás daquela época, cujos nomes são lembrados ainda hoje: Dona Ida, Dona Maria Luísa, Dona Malvina, Dona Maria do Aníbal, Dona Bicota, Dona Cristina, Babalorixás Sr. Atanair e Sr. Manoel....

Naquele período de difícil aceitação da religião afro-brasileira, onde as manifestações da cultura dos descendentes africanos não era vista com bons olhos e onde não havia acesso fácil à literatura afro-brasileira que

18/04/16, 20:53 - Alexandre: mostrasse aspectos positivos da religião afro-brasileira, aqui em Florianópolis todos os Terreiros de Umbanda denominavam-se "Tenda Espírita". Os terreiros denominavam-se de "Tendas Espíritas de Umbanda" para se protegerem sob a capa do Kardecismo de Alan Kardec e obter um alvará de funcionamento fornecido pelo órgão público policial do Estado; e "de Umbanda" porque era a identidade africana mais próxima que se tinha de um culto afro-brasileiro que teve origem na cidade do Rio de Janeiro. A prática umbandista abraçou a maioria dos rituais religiosos de diferentes etnias africanas sob o nome de Umbanda, uma religião que surgia autenticamente brasileira. Somente depois de muito tempo, com o fim da perseguição policial e da Igreja Católica e com a aceitação da religião afro-brasileira pela sociedade é que os diversos seguimentos afro-religiosos começaram a buscar as suas identidades perdidas. Neste contexto, entre outras nações

afro-brasileiras, encontra-se a Nação Omoloko que está retomando a sua identidade africana entre os candomblés não-tradicionais - aqueles que também cultuam Caboclos e Pretos-Velhos, além dos Orixás Africanos -, respeitando qualquer outra cultura afro-brasileira ou indígena-brasileira por mais minoritária que seja.

Nesse longo e árduo caminho que as religiões afro-brasileiras tiveram que caminhar, a nação Omoloko também tem obtido espaço em outros países como por exemplo na Argentina, onde está estabelecida a "Congregación Africanista Científica e Religiosa Nación Omoloko", situada em "Calle Palmas, 7293 - esquina Av. General Paz" na cidade de Buenos Aires, e na Espanha. Segundo um babalorixá argentino com quem conversei em Buenos Aires, o culto Omoloko já alcançou a Europa, exatamente na Espanha, levado por babalorixás argentinos e brasileiros que lá se estabeleceram.

Essa atitude gera um novo ciclo de desenvolvimento das religiões africanas que vieram para o Brasil e que, bem abrasileiradas, ganham outros países, inclusive a própria África. Certamente esse novo ciclo afro-religioso que se inicia influenciará a cultura religiosa dos países onde adentrar, criando novas histórias afro-mundiais...

Agradeço a oportunidade de ser útil ao Omoloko esclarecendo qualquer dúvida.

Agradeço pelo interesse e distinção ao meu povo.

Makuiu. Omoloko já foi confundido com Umbanda.

Na verdade temos nossos igbas(bacuros)

Temos nosso jogo de búzios (zambura)

Temos nossos preceitos e consagrações.

No Omoloko existe cerimônia de batismo, nascimento, graduação e morte. Omoloko.

Descendemos dos povos Lunda, Kioko, malês e mussirumins.

Nossa língua é o kimbundu.

Somos uma mesma família em Uberlândia, onde existem muitas casas de nossa raiz.

Omoloko cultua N'kice.

Tem iniciação em 3 dias e 3 noites, seguindo 21 dias de esteira e 7 meses de preceito.

Não raspamos todo ori.

Nossas obrigações são anuais.

Após a iniciação segue 7 obrigações para que o filho tome seu Deká.Omoloko é muito difundido em Minas Gerais, São Paulo, Argentina. Fui iniciada para Omoloko e hoje tenho 28 obrigações.

Meu Abasa tem 21 anos.

Meu povo é Lunda Kioko.

Somos os filhos da árvore.

Meus ancestrais foram os últimos negros a serem trazidos para cá.

Foram escravizados nas minas de ouro e diamantes.

Eram conhecidos por encontrar os veios de riqueza adormecidos dentro da terra através do cheiro e barulho do solo.

Eu descendo de um povo rico e forte.

Sou uma Lunda Kioko. Amo Omoloko.

18/04/16, 20:54 - Alexandre: Texto retirado da página de Tata Taua !

18/04/16, 21:50 - Gloria: Maravilha Nkaculembe estes relatos me fizeram. Voltar a casa de seu avô Geraldo. Augusto e as minhas primeiras obrigações em que também não raspei todo o ori e também fiz três dias e noites depois 7 mês depois 21 só raispei total na casa de mãe Maria Paulinha mas já tinha meus santos e Exus acentados e nosso terreiro na na frimiza . Makuio .

19/04/16, 01:57 - geraldoandre040: Nkasulembe, belo material. Trata se de pesquisa de rara beleza.

Durante vários momentos me identifiquei com os fundamentos ACIMA. Há, entretanto, identificação maior com o OMOLOKO de Tancredo. Preocupei com o dialeto ser nagô e a região ser nas Lundas.

As obrigações iniciáticas que eu passei são realmente as descritas a de três dia chama OBI

A de sete dias Chama. Sanguianga (essa obrigação era muito pesada pois todos os dias tem um. Fundamento específico.)

A de vinte e um dias

Chama Ouro à cabeça.

(Confesso que nunca vi nenhuma, mas aprendi a sua ritualística)

A cerimônia da morte

Chama ZORO (/participei de duas)

Passei pelas primeiras e só dava a próxima quando dominava inteiramente à anterior.

até que meu Pai resolveu a FAZER a minha re iniciação na nação de ANGOLA PURA. (Aí já foi na frimisa em Belo horizonte)

O jogo de búzios era através dos ODU nos moldes designados por ORUNMILA, o senhor dos destinos.(foi o que aprendi durante anos de aprendizado)

Depois dessa obrigação

19/04/16, 02:00 - geraldoandre040: Temos que continuar a pesquisa porque existem outras versões que teremos que apurar

Parabéns a Nkasulembe e todos os demais citados acima pelo zelo na preservação da nação do OMOLOKO.

Geraldo André 19/04/2016